

**COPA DA JANELA:
gênero, futebol e visualidades desde o ambiente prisional¹**

Luciana Ribeiro de Oliveira

Professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA/UFPB) e do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Campina Grande (UFCG).

Thiago de Lima Oliveira

Doutorando em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP).

Resumo:

O presente ensaio analisa as interseções entre sociabilidades e experiências de gênero em um presídio feminino na cidade de Recife, Pernambuco. A pesquisa foi desenvolvida durante as filmagens de um documentário sobre a Copa do Mundo FIFA de 2014 a partir de mulheres em situação de cárcere, e foi orientado por uma perspectiva etnográfica na busca de entrever como as práticas esportivas produziam tensões e negociações em torno de marcadores sociais da diferença relativos a gênero e sexualidades. Com base nas observações, acreditamos que as expressões de gênero no contexto estudado ecoam de maneira ampla nas sociabilidades constituídas no cárcere e restabelecem dinâmicas de multiplicidade e negociação de sentidos no modo como são encenadas no ambiente carcerário durante esse espaço ritual que é a Copa do Mundo, em um país no qual o futebol é dotado de imenso prestígio.

Palavras-chave: Práticas esportivas. Gênero. Sociabilidades. Cárcere.

***CUP FROM THE WINDOW:
gender, football and visualities from the prison environment***

Abstract:

This essay examines the intersections between sociabilities and gender experiences in a women's prison in Recife, Pernambuco. The research was conducted during the filming of a documentary about the FIFA World Cup 2014 from the point of view of women in prison situation, and was guided by an ethnographic perspective glimpsing to search as

¹ Uma versão preliminar desse artigo foi apresentada durante a XIII Semana de Antropologia da UFRN, realizada entre os dias 02 e 05 de março de 2015, Natal/RN.

sports practices produced tensions and negotiations on social markers of difference related to gender and sexuality. Based on the observations, we believe that the expressions of gender in the context studied resonate broadly in sociabilities incorporated in jail and restore dynamics of multiplicity and negotiation of meanings in how they are staged in the prison during this ritual space that is the World Cup in a country where football is endowed with immense prestige.

Keywords: Sports practices. Gender. Sociabilities. Prison.

Introdução

Este ensaio trata das relações entre sociabilidades e gênero a partir dos bastidores etnográficos de dois antropólogos enquanto participavam das filmagens dos jogos do Brasil na Copa do Mundo FIFA 2014² dentro de um presídio feminino na cidade de Recife/PE. O filme produzido por ocasião de um projeto de experimentação em Antropologia Visual e realizado em parceria com cineastas, no entanto, possibilitou o desdobramento dos campos de investigação no sentido de contemplar reflexões sobre cotidiano, lazer e sociabilidade a partir de contextos que usualmente vêm sendo interpretados sobre a rubrica do Estado, dos sistemas prisionais e de justiça.

Essas abordagens, ainda que fundamentem um aspecto primordial da forma como determinados contingentes em cumprimento de medidas de cárcere são tratados e lidam com o Estado, têm pouco explorado os universos semânticos sobre como aspectos do cotidiano são torcidos e postos em prática na situação de privação de liberdade. Não se trata, contudo, de reificar uma distinção radical entre experiências fora e dentro do cárcere, mas de apreciar os modos pelos quais sentidos ambivalentes são produzidos e acionados numa contínua relação entre o xadrez, a rua e a casa, a memória, a experiência e a emoção, o cotidiano doméstico, carcerário e o uso do “tempo livre”.

O espaço carcerário escolhido foi a Colônia Penal Feminina do Recife³, popularmente conhecido como “Bom Pastor”, ou apenas como “Colônia”, sendo considerado um presídio feminino de segurança máxima no estado de Pernambuco. Este se encontra em situação de superlotação, abrigando atualmente quase mil presas, quando sua capacidade máxima deveria ser para cento e cinquenta mulheres. A

² O filme em questão é “Gosto mais do que lasanha”, com direção de Luciana Ribeiro e lançado em 2015 (cf. RIBEIRO DE OLIVEIRA, 2016).

³ Situada no bairro do Engenho do Meio, zona oeste da cidade de Recife/PE.

“Colônia”, como chamaremos aqui, foi escolhida como palco de nossas incursões e filmagens diante das relações e vínculos já estabelecidos em pesquisa anterior (RIBEIRO DE OLIVEIRA, 2014). Porém, apesar das facilidades conquistadas no campo de pesquisa passado, ter acesso a um presídio com câmeras, gravadores e filmadoras não se constitui em tarefa das mais fáceis, sendo-nos necessário percorrer um longo caminho burocrático permeado por desconfianças, sigilos, acordos e vaidades que vão desde preocupações políticas e institucionais com relação às imagens que seriam visualizadas da Colônia pelo público do filme/documentário, até inquietações mais pessoais ligadas ao receio de ser filmado de dentro de um presídio, seja como presa, seja como trabalhador/a da instituição.

Assim, o que tínhamos era um árido campo de pesquisa recheado por frutíferas possibilidades, dentre elas, destacamos: o cárcere e suas dinâmicas internas; as práticas de sociabilidade, afetividade e sexualidade entre as presas; as alterações cotidianas provocadas pela presença do *set* de filmagem; e a vivência da Copa do Mundo de dentro de um presídio feminino. Em meio a estas questões, para este ensaio, tivemos que fazer algumas escolhas de foco e escrita. Neste ensaio nos interessa fundamentalmente refletir a partir de dois desses aspectos: as relações entre sociabilidade e práticas esportivas em contextos de encarceramento, e sentidos e dinâmicas produzidas em torno de categorias de gênero a partir desse contexto. A instituição carcerária aqui se transforma em um espaço multidimensional: é o espaço de tutela por parte do Estado, o espaço momentâneo do festejo, e também o espaço-experimento a partir do qual sentidos convencionais sobre si e sobre a vida podem vir a ser reelaborados.

Para questão de entendimento, incluem-se aqui como interlocutoras: as dez mulheres presas interlocutoras-personagens escolhidas para o documentário; a interlocutora-assessora Branca, presa que se constituiu em uma figura central durante toda a nossa circulação na instituição carcerária, principalmente na escolha das personagens; e as interlocutoras-apoio, presas que não faziam parte do filme/documentário na frente das câmeras, mas que estiveram bem presentes durante as filmagens, por trás das câmeras, contribuindo nas diversas demandas que surgiam ao longo de nossas incursões e filmagens no cárcere.

Xadrez e Disciplina

A proposta de interlocução teórica sobre o qual esse ensaio se insere é marcada por atravessamentos. Se por um lado é um investimento de estudo sobre contextos prisionais a partir da perspectiva de dois antropólogos marcados por um interesse em investigações visuais e urbanas, por outro lado também busca convergir com questões vinculadas às experiências de gênero, ao modo como práticas esportivas permitem produzir sentidos e valores para o corpo e também com o modo como determinados momentos rituais põem em jogo emoções e sentimentos. Trata-se assim de um conjunto complexo de elementos que serão apresentados aqui a partir de um delineamento etnográfico mais do que uma tentativa de contorno teórico-disciplinar. Todavia, algumas notas sobre as relações entre o futebol enquanto prática esportiva, gênero e sociabilidades tornam-se fundamentais.

Atualmente o Brasil tem a maior população carcerária da América Latina. Esse contexto de superlotação e precariedade de condições de vida nos espaços prisionais é marcado pela presença de homens jovens, negros e de baixa escolarização. As mulheres, quando correlacionadas nesse aspecto, costumam ser avaliadas na condição de visitas ou cúmplices. Quando tomadas como presidiárias, muito tem se insistido na forma como vínculos afetivos e parcerias amorosas constituem tal experiência. Isso tem como efeito político, mas também acadêmico, uma desvalorização sobre a experiência feminina do cárcere quando comparada com os estudos desenvolvidos em instituições masculinas (cf. RIBEIRO DE OLIVEIRA, 2014). Essa posição em certo sentido também dialoga sobre a experiência feminina nos estudos sobre práticas esportivas, de modo mais evidente nos estudos sobre o futebol, dado o papel de destaque que ele assume nas sociabilidades brasileiras.

O modo como o futebol se insere no Brasil como um esporte de massas e que possui sentidos variados para sujeitos também variados é o primeiro mote para aproximação do contexto e fenômeno em estudo. Se como afirmou DaMatta (1982), a percepção do futebol como o “ópio do povo”, como uma experiência lúdica e menor, pode informar mais a sociedade que produz tal entendimento do que se imagina. Na perspectiva de uma antropologia das práticas esportivas torna-se fundamental compreender como contingentes e agentes diversos se relacionam com a prática do

esporte a partir de sua dimensão aparentemente mais trivial e cotidiana. O fato é que no interior das sociedades os entendimentos sobre as práticas esportivas são conflituais e sugerem sentidos distintos a partir de marcadores como classe, região, raça ou gênero. No Brasil o futebol tem sido lido como um fenômeno amplamente vinculado ao universo masculino e dos homens, um lócus simbólico de constituição e expressão das masculinidades dos homens, situação também apontada por Archetti (2003) ao avaliar o caso argentino.

Nesse sistema valorativo que atribui sentidos para a presença de homens e mulheres no campo e em campo, a posição das mulheres é usualmente vinculada a de torcedoras, não como agentes detentoras de interesse e competência corporal equivalentes que justificassem sua participação nesse universo. Como sugere Stahlberg (2009, p.152), “uma mulher que se interesse pelo esporte só poderia ser, nessa visão, como um homem”. Recuperando algumas considerações de Wagner sobre os processos relacionais que constituem a cultura “como se fosse verdade” (2010) a partir da relação de agentes que ocupam posições políticas e ontológicas diferentes, e por vezes divergentes, a presença feminina operada nesse universo “como um homem” implica, por um lado, um espaço de regulação das atividades que é presumivelmente masculino, de modo que ele só pode ser entendido a partir desse simulacro que lhe conferiria inteligibilidade, mas por outro lado, ainda na forma como o gênero atua como marcador das práticas, ela sugere pelo menos a maior visibilidade que a prática esportiva específica tem junto ao contexto de relações e sociabilidades masculinas. Assim, a presença feminina tende a ser simbolicamente reposicionada nesse espaço de inteligibilidade, nesse lugar em que o gosto pelo futebol é correlacionado a uma “economia performática do gênero”⁴, como sugerimos em outro trabalho (OLIVEIRA, 2016, p.56) que lhe masculinizaria, que lhe possibilitaria uma vinculação “como se fosse um homem”, sem que ela contudo compulsoriamente exigisse sê-lo.

É nesse aspecto que o imaginário social sobre as jogadoras de futebol, seja ele recreativo ou profissional, consiste de referências masculinizadas, uma masculinidade

⁴ A economia performática do gênero refere-se aos intensos processos de avaliação da presença nas situações de interação mediante a qual as performances são medidas através de processos de adição, subtração, leitura, tradução que lhe conferem sentido e posição dentro de um sistema de relações de gênero.

que se por um lado é hiperbólica e fundamentada em atributos generificados e tomados como estáticos, por outro tende a desqualificar a prática esportiva desempenhada por essas mulheres. No contexto onde a pesquisa para este ensaio foi desenvolvida, por exemplo, o apreço pelo futebol assume uma estreita relação entre expressão de gênero e corpo e orientação sexual que as distingue do conjunto amplo de mulheres. Ao menos é o que se quer acreditar, já que os símbolos acionados para referir a homens e mulheres tendiam a ser encapsulados e polarizados, e não considerados em seu aspecto dinâmico e relacional.

Mais uma vez considerando o espaço de prestígio que o futebol tem no contexto das sociabilidades e das práticas esportivas no Brasil, momentos ritualizados como a Copa do Mundo atuam como um imenso palco onde são colocados em jogos ideias sobre gênero, trabalho, reconhecimento, nação. Trata-se, retomando Domo e Oliven (2013), de um espaço de representação mimético no qual “seleções” assumem no espetáculo o status de nação. De forma semelhante, na experiência cotidiana do esporte, é possível sugerir uma incorporação mimética pelo qual pessoas se convertem metonimicamente nos espaços e instituições pelos quais torcem. Nesse momento performático, símbolos, valores e expectativas são colocados em embates. Assim, também operam as torções de gênero e a partir dessas torções novos campos semânticos vão ganhando contorno e forma, isso porque, como sugere Simoni Guedes:

[...] mais do que um ‘transe’ em relação à vida cotidiana [...] algumas práticas esportivas mesclam-se com outras atividades, invadem e são invadidas por outros tempos e espaços. Nesse processo, formas específicas de sociabilidade, medidas pelas identidades e alteridades sociais aí produzidas, elaboram e matizam relações cotidianas (GUEDES, 2010, p.434-435).

Matizando a elaboração de Stahlberg (2009), os dados etnográficos até aqui levantados sugerem que na experiência do futebol, sobremaneira em um espaço e tempo ritual como aquele que a Copa do Mundo produz no Brasil, tornam evidentes os dispositivos pelos quais as mulheres produzem expressões específicas de masculinidade e a partir delas interagem umas com as outras nas atividades que perpassam todo o cotidiano. Essa sugestão acompanha a elaboração de Wacquant (2002) a respeito da masculinidade dos homens no universo do boxe. Para o autor o esporte constitui uma masculinidade específica, distinta daquela encenada nos espaços da vida cotidiana, seja

na casa ou no trabalho. De maneira semelhante, acreditamos que as experiências de gênero aqui apresentadas se estabelecem numa dupla inserção entre o cotidiano no qual ideias sobre ser mulher, homem ou “menininho”⁵ se estabelecem, e o espaço performático construído pela prática esportiva e o modo como ele repercute no cotidiano da Colônia.

Uma última nota deve ser feita em relação à distribuição das interlocutoras em relação à organização do espaço prisional. Na Colônia, aos olhos externos, a maioria da população em cárcere é “negra”, ainda que os dispositivos de classificação e reconhecimento sejam acionados de maneiras muito variadas e produzindo estratégias específicas de organização dos atributos raciais ou coloração de pele. Nesses termos, negro nos parecia uma categoria pouco acionada, de modo que abundavam formas alternativas de posicionar-se a partir desse marcador: morena, bronzeada, preta, branca, clarinha, entre outras. De igual maneira, também se produziam formas de classificação diferentes para o gênero, de modo que se todas ali, de algum modo se entendiam como “mulheres” – redundando em uma afirmação de tipo fisiológico -, era certo que nem todas eram mulheres do mesmo modo. Havia mulheres que se pensavam a partir de um referencial mais masculino, outras reificando uma noção dócil de feminilidade, outras jogando constantemente entre as expectativas que esses domínios poderiam produzir a partir de suas experiências eróticas. Nessa junção entre performance de gênero, corporalidade e experiência erótica se produziam e dava forma a dispositivos de classificação e identificação como “mulher”, “menininho”, “boy”, “frango”, e outras categorias identitárias que sinalizavam como as presenças eram avaliadas e incidiam sobre a distribuição do poder. Por fim, essa distribuição não deve ser vista sob uma perspectiva vertical e homogênea, de modo que mulheres, menininhos e meninas trelosas utilizavam-se de táticas variadas para produzir os efeitos que intencionavam.

⁵ Menininho nesse contexto atua como uma categoria nativa acionada para descrever mulheres que são percebidas como performaticamente masculinizadas frente a um sistema de ordenação das expectativas de gênero fundado em determinadas convenções sobre masculinidade e feminilidade.

Entre afetos e filmadoras

25 de abril de 2014, dentro da Colônia, um mundo de quase mil mulheres encarceradas. Selecionar dez delas para participarem do documentário pretendido foi nossa missão durante os dois meses que antecederam o evento da Copa. Como estratégia encontrada pela direção da instituição, fomos apresentados à Branca⁶, jovem presa que trabalhava na área administrativa da Colônia e que se dispôs a nos ajudar a encontrar mulheres que gostassem de futebol e que estivessem dispostas a conversar conosco. Nesse primeiro momento, evitamos as câmeras filmadoras, tendo ligadas apenas, na maioria das vezes, câmeras fotográficas, na tentativa de realizar uma aproximação com nossas possíveis interlocutoras/personagens do filme-documentário. E, basicamente, conversávamos. Falávamos sobre futebol, Copa do Mundo, vida dentro do cárcere, práticas criminosas, afetos e sociabilidades dentro e fora do presídio. Algumas falavam muito e se mostravam bem à vontade conosco e com as câmeras, sendo-nos possível, até mesmo, fazer algumas tomadas; outras se limitavam ao balançar de cabeças, aos risos envergonhados e respostas curtas que nos inibiam até mesmo na captura de imagens fotográficas; outras, ao visualizar os equipamentos, recusavam-se a conversar conosco desde o início, justificando não desejarem em nenhum momento serem filmadas ou fotografadas diante de suas condições de presidiárias, fosse por vergonha de tal condição, fosse por receio de agravar sua pena diante da exposição de sua imagem e de tudo que isso poderia representar às vítimas ou às famílias das vítimas de seus crimes. Porém, negar a participação na frente das câmaras, não significava que estas não fossem bem presentes no *set* de filmagens, dando-nos sugestões de pessoas, situações e locais para a realização das tomadas, oferecendo-nos ajuda e lanches (pipocas de micro-ondas e refrigerantes eram os mais comuns, visto serem vendidos na loja de conveniência dentro da Colônia), aconselhando-nos nos momentos de saída do presídio e dos perigos dentro e fora do cárcere, formando entre nós laços de proximidade. Essas interlocutoras por trás das câmeras, que nomeamos de interlocutoras-apoio, foram fundamentais para que nossa aproximação às celas e às outras presas acontecesse com mais facilidade, pois elas aparentavam possuir certo grau de consideração – um status local (com variações) provocado diante da situação de

⁶ Nome fictício.

trabalho que possuíam dentro do presídio (elas eram chamadas de “concessionadas” pela instituição prisional).

Branca, presa concessionada e nossa interlocutora/assessora, muito contribuiu em nossas buscas pelas interlocutoras/personagens. Além de trabalhar no espaço prisional, tendo por lei sua pena reduzida diante do trabalho prestado, tal como as interlocutoras-apoio, Branca mostrava possuir regalias de circulação dentro da instituição carcerária mais do que a maioria das outras presas concessionadas, além de conhecer a história da maioria das mulheres que lá se encontravam, o que foi essencial diante do grande número de mulheres presas e do tempo que tínhamos até o início das filmagens dos jogos que se iniciariam, de fato, em 12 de junho de 2014, dia do primeiro jogo do Brasil na Copa. Após explicarmos o objetivo das filmagens, Branca afirmou que havia entendido nossa intenção e que iria nos colocar em contato com os “menininhos” do presídio. Disse ela em tom jocoso: “Ah, vocês têm que conhecer os menininhos da cadeia, elas se vestem como homens, tem o cabelo curtinho e adoram jogar futebol aqui dentro, pode deixar comigo que trago eles pra vocês”.

O “trago eles pra vocês” enunciado na fala de Branca pode ser pensado como representativo de nossa limitação de circulação dentro da Colônia. O que ocorria nesse primeiro momento de inserção na instituição é que não nos era permitido entrar no pavilhão, tampouco nas celas, sendo-nos autorizada apenas a circulação por entre os corredores de entrada do presídio e os setores administrativos. O máximo que conseguíamos avistar era o pátio que dava acesso à quadra onde as presas circulavam nos horários da *boia*⁷, local onde elas permaneciam de uma hora a uma hora e meia, a cada momento de refeição, momento sempre marcado por uma sirene acionada pelos agentes penitenciários para avisar do seu início e término. Tal situação limitada nos inquietava e questionávamos se, de fato, iríamos conseguir realizar um filme/documentário com esse acesso tão restrito ao cárcere e às presas, sendo “trazidas” até nós. Semanas depois, mesmo com alguma proximidade junto à administração, e relativa intimidade com algumas encarceradas, pouco podíamos circular. Éramos

⁷ A boia, era o momento das refeições, sendo assim chamada pelo corpo de funcionários da Colônia. Ela ocorria a partir da formação de uma fila com as presas e a distribuição da comida, que era consumida no próprio pátio. Para consumi-la, as presas sentavam no chão ou permaneciam em pé, encostadas em paredes.

geralmente acompanhados por agentes penitenciários, que ainda que se mantivessem distantes, estavam lá, em nosso encalço. Até esse momento, as celas ainda eram um espaço interdito a nós, sendo-nos permitido entrar apenas em duas: aquelas destinadas às mulheres gestantes.

Durante os dois meses pré-Copa (abril e maio), ainda sem muitas perspectivas de um contato mais próximo com o ambiente cotidiano do cárcere nas celas, conversamos com dezesseis presas trazidas para nós por Branca. Dessas, a grande maioria se caracterizava realmente como homem, tal como Branca nos havia sinalizado sobre os “meninhos da cadeia”: apresentavam uma performance distintiva, vestiam bermudas e camisetas, usavam os cabelos mais curtos que as outras presas e empostavam a voz de modo a torná-la mais firme e seca. Alguns chegavam a ter nomes sociais masculinos, mesmo sem terem acesso às informações e aos direitos de afirmação de identidade de gênero que já existem enquanto política pública em nosso país. “Somos os *boy* do presídio, na hora do vamo vê, nós somo é homem”, afirmou um dos “meninhos” quando questionado sobre ser considerado tal qual um homem por algumas presas. “Sou homem. Homem joga bola, mulher assiste”, comentou outro *boy* em tom jocoso. Já outras presas interlocutoras não se afirmavam como homens, apesar de também serem apontadas como “meninhos”, mas estas também diziam não se importar em serem chamadas assim. O que vemos, é que o estereótipo masculino buscado pelos “*boys* do presídio”, seguem em direção a uma afirmação de gênero, seja esta justificada por eles a partir de motivos circunstanciais diante da necessidade de se impor dentro do ríspido ambiente carcerário, seja pelo próprio desejo identitário de se parecer e se identificar como um *boy* / “meninho”. As afirmações discursivas deles e/ou delas a esse respeito, em sua maioria, são sempre acompanhadas de um “eu sei que sou mulher, meu corpo é de mulher, mas eu sou *boy*, gosto de ser *boy*”.

Além da questão identitária, outro ponto que se sobressai já nesses contatos iniciais com as presas é a questão dos relacionamentos afetivos e sexuais dentro e fora do cárcere. Muitas afirmam que sempre circularam por relacionamentos com homens e mulheres, outras relatam que só começaram a se relacionar com mulheres dentro do presídio e que “abriram a cara”⁸ porque “a carência é grande aqui dentro”. Circulações

⁸ “Abrir a cara” é uma expressão muito usada pelas presas ao se referirem às mulheres que se dizem heterossexuais e que quando são presas, acabam assumindo relacionamentos homoafetivos. Tal expressão também foi vista circulando em conversas informais entre os/as agentes penitenciários/as e as presas.

sexuais, em sua maioria, mau vistas por outras presas que afirmam nunca terem “aberto a cara”, pois “é uma vergonha muito maior do que ser presa”, porque “ser presa, meter parada, ainda vá lá, mas abrir a cara, aí é muita vergonha pra família da pessoa”.

O julgamento moral a respeito das experimentações sexuais homoeróticas também foi percebido em interações entre as agentes penitenciárias e as presas. Nestas situações, as agentes faziam questão de proibir toques e/ou demonstrações de afeto que levassem a entender que as presas teriam um romance. Houve, certa vez, quando nos encontrávamos no pátio do presídio na hora da *boia*, que ao presenciar um abraço mais afetuoso, algumas agentes exigiram que as duas presas, possíveis namoradas, se retirassem daquela exposição pública, alegando que aquilo era uma vergonha e que não admitiriam tal comportamento na frente delas, que se elas “queriam abrir a cara, que fizessem isso escondido e não na frente de todos, porque aí é muito abuso”. O “abuso” presente na fala das agentes encontra-se pautado no plano moral das regras do cárcere, repetido, por diversas vezes, pelas próprias presas que se afirmam heterossexuais e, talvez também, em muitas das que praticam experimentações homoeróticas no cárcere de uma forma mais velada, tal como no “chupa quieto”, espaço nomeado pelas interlocutoras ao se referirem às suas camas e ao jogo erótico silencioso que acontecia por traz dos lençóis que separavam os seus beliches.

Todavia, momentos de paquera pública e subversão momentânea da ordem e do policiamento moral também ocorriam. Em certa ocasião um dos menininhos ao nos contar sobre seus romances dentro da Colônia relata a situação de uma festa realizada no pátio, onde uma banda de brega apresentou-se e em algum momento o microfone foi aberto para que aquelas que se sentissem interessadas pudessem cantar. Nesse momento, o menininho, em uma tentativa de fazer as pazes com sua namorada cantava uma canção romântica e anunciava seus sentimentos pedindo para que ela voltasse. Entre aplausos e risos por parte da plateia, nosso interlocutor terminava dizendo que, mesmo irritada por ter sido constrangida com tal situação e por ter seu nome tão publicamente anunciado, sua namorada havia reconsiderado e a relação havia sido restabelecida. Não sem um tapa por parte da namorada após o fim da encenação romântica.

Ordem e desordem, controle, vigilância e subversão misturam-se e estão em constante disputa no território da Colônia. Implicam em movimentos rápidos e

polimorfos. Conjugalidades e parentelas se fazem e desfazem muito rapidamente em função do constante ritmo de entrada e saída das mulheres na Colônia. Uma das agentes penitenciárias diz: “é difícil, hoje sai três, a noite chegam quatro”. Ainda que de modo precário, é comum que as presas conheçam as recém-chegadas, seja através de vínculos prévios, seja através dos noticiários policiais que acompanham com afinco nas várias televisões e rádios espalhadas entre as celas. As redes de relações que mantêm com a rua, as une de modos diversos e por interesses heterogêneos.

Durante as nossas conversas iniciais com as possíveis interlocutoras-personagens, cada uma que dialogava conosco indicava como possibilidade mais algumas companheiras de cela que gostavam de futebol. Assim, aos poucos, as informações foram circulando e mesmo quem nunca havia trocado uma palavra conosco, sabia quem éramos e o que estávamos fazendo ali, ou algo próximo disso. Foram momentos de convencimento e sedução, tanto da nossa parte, na intenção de que elas e eles (os menininhos) topassem participar, quanto delas e deles, que tinham em nós, pessoas não institucionalizadas pelo cárcere, possibilidades de diálogos e vínculo sociais sem as amarras punitivas frequentemente presentes no espaço institucional. Éramos alvo de olhares, curiosidades, pedidos, abraços, sorrisos e, até mesmo, paqueras. Com muitas delas formamos laços, afetos e cuidados mútuos.

Nessas conversas e interações iniciais, era comum escutarmos queixas no sentido da escassez de momentos de lazer na cadeia⁹, principalmente de um espaço físico específico para poderem jogar bola, no caso dos menininhos, visto que a única quadra ficava ocupada nos dias de visita ou de banho de sol (únicos momentos em que eles poderiam jogar bola), sendo tomada por outras presas para conversar, bordar e esticar seus colchões e toalhas ao ar livre. Cabendo aos jogadores um espaço no pátio, fora da quadra, com pedras e terra batida, que era sentido por elas como pequeno e inadequado, visto as mesmas frequentemente machucarem seus pés descalços nas partidas de futebol. Assim, nossa presença, cada vez mais constante, parecia aguçar nelas e neles (e também em nós) o desejo de que suas atividades esportivas pudessem ocorrer num espaço mais apropriado, visto a comunicação mais direta e o suposto poder

⁹ Apesar de não ser uma cadeia, conforme a definição e entendimento da secretaria estadual de segurança de acordo com o estatuto jurídico, muitas presas assim chamavam aquele espaço prisional em que se encontravam.

de negociação que tínhamos com a diretora da instituição, afinal havíamos conseguido autorização para entrar com câmeras, gravadores e filmadoras dentro de um presídio.

Presos no campo

Após muitos diálogos, negociações institucionais e burocracias governamentais, com apenas duas semanas antes dos jogos da COPA começarem, conseguimos ter acesso com as câmeras e filmadoras ao pátio central do presídio, à quadra, ao refeitório, ao salão de beleza, à escola, às fábricas de tecido que algumas trabalhavam e a quatro celas que tinham suas entradas viradas para o pátio (uma destinada às concessionadas, duas celas das grávidas e mães¹⁰ e uma cela de espera¹¹). Ainda conseguíamos visualizar e interagir com algumas outras presas que se encontravam em celas que possuíam suas janelas com grades também viradas para o pátio. Porém, não nos foi autorizada a entrada no pavilhão onde se localizava todo o montante das celas, com a alegação institucional de que não haveria como garantirem nossa integridade física em tal local. Quanto a essa proibição, as presas de uma forma geral alegavam que ninguém teria intenção ou interesse de atentar contra nossas vidas e que, na verdade, muito do que existe e acontece no pavilhão não poderia ser mostrado para as câmeras.

Nessas duas semanas que antecederam os jogos, circulamos e fizemos algumas tomadas pelos novos espaços que fomos tendo acesso, sempre com a presença de um/a agente penitenciário/a, fato que parecia inibir a maioria de nossas interações com as interlocutoras. Em muitos momentos, diante da presença dos/as agentes, elas falavam mais baixo para que só nós ouvíssemos o que tinham a dizer, ou faziam caretas e apontavam com os olhos e bocas para os agentes, quando perguntávamos sobre algo que não poderia ser respondido naquela situação de vigilância e controle. Em outros momentos, quando a câmera era ligada na presença dos agentes, as falas das interlocutoras, na maioria das vezes, pareciam estar montadas e performatizadas em padrões fixos de moças bem comportadas. A presença dos agentes, mais do que as

¹⁰ Havia ainda outra cela que tivemos acesso bem antes de termos autorização para entrarmos no pátio principal: a cela de mães com seus bebês recém-nascidos (até seis meses) que se localizava fora do pátio, próximo às salas administrativas.

¹¹ Cela para onde vão todas as novas presas e onde podem permanecer por algumas semanas na intenção de se adaptarem às rotinas e regras da instituição.

câmeras, parecia inibir e coibir atos e palavras. Até aqui, ainda não sabíamos se, de fato, conseguiríamos fazer um filme-documentário, mas o fazer etnográfico já acontecia de uma forma bem nítida para nós.

Estar com uma câmera fotográfica sempre à mão, além da filmadora, tornou-se uma grande estratégia nossa de aproximação no campo. Dos sorrisos envergonhados apresentados a nós inicialmente, desenharam-se outras imagens possibilitadas pela visualização imediata de suas fotos na lente da câmera fotográfica. Tínhamos na nossa frente, interlocutoras bem mais desinibidas, desejando e aguardando a presença “do pessoal do vídeo” (como algumas nos nomeavam). Além de fotos das interlocutoras¹², tiramos centenas de fotos de presas que desejavam ter a posse das mesmas e que iam em busca de nós para que as fotografássemos. Esta, acabou sendo uma forma bem mais rápida e descontraída de chegar às celas e às interlocutoras, cada vez com mais frequência e sem a presença dos agentes, que já pareciam não se importar mais com nossa presença e possíveis riscos. “Sim, nós vamos fazer um filme”, pensávamos ao começar a entrar sozinhos no pátio e nas celas. Entrávamos, e conosco, entravam também antenas de tv, tintas de pintura de rosto, bandeirinhas de enfeites para a COPA, abraços e sorrisos, acompanhados sempre de frases de acolhimento: “Vocês demoraram hoje!”; “Cadê vocês na semana passada?”; “Quando vocês vêm novamente?”; “Era bom vocês virem no final de semana porque de vez em quando rola uma festinha, aí vocês podiam filmar o dia a dia mesmo nosso na diversão também”; “Quando vocês estão aqui é bom que anima a cadeia com uma coisa diferente rolando”.

Entre lembranças e esquecimentos, fotos e troca de confidências fomos nos tornando personagens também em uma trama de enredo mais complexo e amplo do que aquele mesmo que estávamos construindo. Tornamo-nos, nós e as câmeras, figuras do cotidiano da Colônia, fosse com nossa presença efetiva, fosse através de comentários e fofocas de naturezas diversas. A cada visita de campo éramos inseridos na ampla rede de eventos que configuravam a trajetória de vida de cada uma das nossas interlocutoras, algumas de modo mais aberto e efetivo, outras mais acanhadas. E de modo recíproco, elas também entravam em nossas vidas e exigiam saber de nós.

¹² O uso de som e imagem das interlocutoras-personagens foi autorizado por cada uma delas através da assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido.

Figura 1 - Partida de futebol após o primeiro jogo da seleção brasileira, em 12/06/2014 – Colônia Penal Bom Pastor, Recife, PE.



Fonte: Luciana Ribeiro.

A construção da etnografia, tal como a vivenciamos, tornou-se uma aprendizagem sentimental tendo em vista que, ainda que o cotidiano no presídio não difira muito do cotidiano externo aos muros, as regras e os mecanismos de vigilância e docilização dos corpos operam de forma mais precisa e coercitiva sobre as encarceradas, conforme já argumentava Foucault (1996) algumas décadas antes. Ainda sobre a forma como os sentimentos são administrados, seguindo Le Breton (2006), falamos de uma educação sentimental na medida em que, para além de olhar, ouvir e escrever, os sentimentos são também um vetor de produção de saberes, uma faculdade do espírito humano. Em campo trocam-se não apenas olhares e palavras, fotografias e áudios; afetos, desejos e expectativas mútuas são estabelecidas e, espera-se que sejam retribuídas.

Como estratégia de reflexão metodológica e epistemológica, é importante salientar que, até onde nos consta, nesse processo de educação sentimental onde afetos e impressões são trocados e lugares negociados, não apenas os pesquisadores produzem análises sobre os pesquisados. Não se trata de uma forma de divisão já reificada na antropologia que se estabelece pelo binômio nós-eles. Há fluxos, movimentos e transações de significados operados tanto entre os pesquisadores, como entre os

pesquisados e entre pesquisados e pesquisadores que devem ser pensados também como espaços de reflexão.

Relembrando Jeanne Favret-Saada (2005), a antropóloga franco-argelina que pesquisou feitiçaria na região do Bocage francês, acreditamos que as possibilidades de comunicação no contexto etnográfico não devem ser limitadas a ideias como empatia, que ao supor um reconhecimento arbitrário e simplificador, limita as possibilidades de entendimento dos contextos de vida e estratégias de interpretação que os pesquisados constroem para suas vidas. O processo de construção do empreendimento etnográfico pode ser pensado então como um processo de educação-sensibilização no qual o pesquisador pode se permitir ser atravessado pelos mesmos fluxos e intensidades que constituem os grupos e pessoas estudadas. Essa estratégia não implica um ‘tornar-se nativo’, tampouco significa que o antropólogo pode a partir daí perceber de modo mais legítimo as pessoas que estuda.

Efetivamente, trata-se de um processo de experimentação sensitiva e corporal que tem como propósito o estabelecimento de novos campos de comunicação, campos esses que podem contribuir para a problematização de não-ditos e indizíveis, de silenciamentos e esquecimentos. Mais uma vez, o propósito não é trazer à tona, fazer *dicto* o que não se dizia, ou de lembrar o que fora esquecido. É pensar as linhas de fuga, dissoluções e soluções e distensões operadas através desses mecanismos.

Futebol é coisa de menininho

Durante a produção da pesquisa e do filme documentário, todas as interlocutoras que nos chegaram eram classificadas, tal como destacamos no início deste texto, como “menininhos”, ou seja, elas desempenhavam performaticamente ações, condutas e mantinham práticas que eram tomadas como relativas predominantemente a homens. Tais personagens foram selecionadas e produzidas tanto através da leitura de Branca de quais pessoas seriam melhores para nosso filme, quanto de nossa própria leitura sobre quais histórias e performances melhor caberiam frente às lentes das câmeras.

Vale ressaltar que os menininhos, no sistema de relações produzido na Colônia, correspondem às presas que performatizam atributos do masculino através de vestimentas, conduta e também nos envolvimento eróticos possíveis de se manter no

cárcere. Ainda que essa caracterização seja a predominante, na dinâmica das relações observadas podemos avaliar que há uma multiplicidade muito mais intensa e fluida de performances nomeadas aos menininhos, multiplicidade essa que configura quadros ambíguos e borrados, desafiador de um esquematismo simples da distribuição do gênero nas relações ali desenvolvidas.

Em termos estéticos há uma sinuosidade de modo que a noção de roupas masculinas e femininas é por vezes desmontada e avaliada a partir de outros atributos. Ainda que bermudas e camisetas sejam os ‘uniformes’ tradicionais dos menininhos, vemos, por exemplo, Nat (umas das interlocutoras-personagens) numa fluência entre bermudões folgados e shorts curtinhos. Esse tipo de comportamento é por vezes avaliado como estranho, ainda que recorrente, pelos próprios menininhos através de comentários como “e essa roupa, frango?”.

Ainda sobre Nat, sua performance e identificação como menino é emblemática no conjunto das interlocutoras a que tivemos acesso e com as quais podemos conversar e ter um pouco mais de intimidade no curso das gravações e trabalho de campo preparativo. Certa vez, por exemplo, minutos antes de uma partida, enquanto preparávamos a cela para receber as câmeras, conversávamos no pátio com as demais interlocutoras quando Nat, com aparência cansada e desanimada, se aproxima de seus colegas que a inquiriam sobre o short jeans bastante curto e ajustado ao corpo que usava. Ela, no mesmo estado de (des)animação responde “ah, não estou afim de ser menino hoje”.

A identificação dos personagens como menininhos pode ser pensada, de maneira caricatural, a partir de duas noções que, de modo geral, e sobre formas diversas, compõem a trajetória desses agentes. O primeiro deles é o desempenho sexual num espaço onde as opções de acesso aos homens, no caso das mulheres que se afirmam heterossexuais, é bastante limitado. O segundo fator é a produção de um estilo que é interpretado como masculino através da eleição de atributos que no meio social são interpretados como tal. Esses atributos eleitos dizem respeito não apenas à vestimenta, em seu aspecto mais externo e imediato, mas também à interesses, temas e modos de agir que reiteram uma noção de masculinidade hegemônica nos termos de R. Connell, (2002), uma masculinidade a qual efetivamente não se consegue alcançar, ainda que seja perseguida. Trata-se assim de uma masculinidade idealizada e construída com base

em um ordenamento heterossexual, monogâmico e com pretensões à burguesa. É essa masculinidade que se tenta alcançar. E para tal utilizam-se de recursos protético-performáticos: a roupa, a voz, a eleição de certos temas e gostos como os seus preferidos. Não se trata de uma caricatura no sentido depreciativo do termo, mas de fato numa faculdade mimética (BUTLER, 2003) que corporifica estratégias de perceber, significar e se relacionar com o mundo – e aqui partimos do princípio de corporalidade como paradigma para se pensar o corpo, conforme sugerido por Csordas (1994; 1998).

Nesse contexto, como se percebe, a constatação de um presídio feminino pode induzir à enganadora ideia de uma organização do gênero que seja estática e única. Mas ao contrário, a observação e a interação com as interlocutoras apontam para um intenso processo de constante produção e disseminação de performances que através dos campos relacionais onde estão inseridos e dos interesses que sustentam essas relações vão se transformando. Nessa economia de distribuição dos gêneros, o futebol é um dos elementos que organizam a experiência dos menininhos, junto com as sempre conflituosas relações com as namoradas e amantes.

A Copa da janela

A Colônia apresenta algumas divisões que são representativas, não apenas de seu modo de funcionamento, como também das relações estabelecidas ali. Presas comuns, presas concessionadas, agentes penitenciários, técnicos e gestores não se relacionam de modo homogêneo. Há uma linha demarcatória que incide sobre o grau de proximidade, e mesmo possibilidades de contato entre estes. Ainda que em momentos como a *boia* a heterogeneidade possa se pensar diluída na multidão de quase mil mulheres a se aglomerar entre a quadra e a cozinha, há um visível contraste dessa massa com o ir e vir das concessionadas com seus uniformes-distintivos e seu poder de abrir e fechar portões e grades, chamar e fazer ouvir. Em outra extremidade da arena agentes penitenciárias seguram uma arma de fogo nos braços enquanto vestem seus coletes pretos onde se lê em letras grandes e douradas: agente penitenciário. Algumas ainda trazem consigo sinais de seu ofício: colares tendo algemas como pingentes. Poder de ouvir e fazer calar. Silenciar. Estão não apenas nas extremidades da quadra, mas também em cada uma das celas através de seus olhos mecânicos.

No cárcere se fazem e refazem parentelas, casamentos, amizades e inimizades. Aproximam-se pessoas, constituem-se relações, edificam-se histórias. Sobre todos impera o poder moderador dos gestores da Colônia, a administração penitenciária e os diversos agentes que atuam entre a instituição e o Estado na promessa de que estão ali apenas para pagar suas dívidas com a sociedade, estando privadas apenas de liberdade e não de outros direitos, como ouvimos por algumas vezes.

O cotidiano no presídio é marcado pelo controle dos horários e pelo toque das sirenes, sendo interpretados de formas diversas por cada uma das partes que compõem o complexo jogo de relações que configuram a instituição. Hora de abrir as celas, hora da boia, hora de voltar, contagem, hora de fechar as celas, marcam a leitura do tempo para aqueles entre o cárcere e a rua. Dia de visita, atendimento jurídico ou psicossocial, boia, rádio corredor. A experiência do tempo é distinta e não homogênea entre as interlocutoras. Nesse jogo de atividades, o futebol e a televisão ocupam parte significativa das atividades de lazer das presas personagens. É conversando e assistindo televisão que aquelas que não trabalham dentro da instituição investem suas energias, ao passo que mais tarde é frente à televisão que os grupos se reúnem para assistir telejornais, novelas e noticiários. Os menos afeitos distribuem-se entre a leitura de textos bíblicos, rádios a pilha e conversas particulares.

Em um contexto com uma tradição esportiva tão significativa – lembremos que a cidade do Recife é marcada pela presença de três grandes times esportivos de relevância no cenário local e entre os quais uma parte significativa da população se distribui: Santa Cruz, Náutico e Esporte – a opinião e o espaço concebidos ao futebol na Colônia são distintos entre os sujeitos que compõem o cenário de investigação. Lembramos que ao chegar à Colônia, nos primeiros momentos havíamos instaurado um leve desafeto entre os menininhos e as demais presas em função da utilização da quadra da instituição para a realização de partidas de futebol, pois que, até aquele momento, a quadra era utilizada apenas para banho de sol, momento no qual as pessoas costumavam trazer roupas para expor ao sol, conversar, fazer tricô e outras atividades manuais; aos sábados também era comum que trouxessem colchões e ficassem ali deitadas entretidas entre conversas, negociações e fofocas.

Ainda que as “peladas” e partidas de futebol fossem anteriores e constituíssem parte do repertório de lazer da população na Colônia, os menininhos reclamavam a

possibilidade de utilização da quadra para jogar futebol, o que era rejeitado em função da presença das demais presas envolvidas nesse tipo de atividade, além da preservação do patrimônio e manutenção da segurança tendo em vista que no centro da quadra havia uma câmera de segurança que poderia ser danificada durante as partidas. Fato alterado diante de nossas gravações para o documentário e de nossa insistência junto à direção de que as presas personagens e não personagens do documentário pudessem ter acesso à quadra para uma ou outra partida ao fim da transmissão de cada jogo do Brasil, que poderia ou não ser filmada. Por muitas vezes, elas usavam de nossa presença para pedir a bola e o espaço da quadra, alegando que precisávamos filmar. E, mesmo que nenhuma câmera fosse ligada de fato, sempre confirmávamos a necessidade de uma partida após os jogos para gravar uma ou outra cena, momento também em que a quadra estava vazia, pois todas as outras presas encontravam-se em suas celas, sem direito à circulação no espaço devido ao horário de interdição.

Em momentos de repercussão tão acentuados, como a Copa do Mundo, as opiniões e ânimos sobre o assunto se colocam de modo mais evidente e efetivo, deixando transparecer não apenas elementos do campo técnico e emocional entre a população carcerária, mas opiniões e tensões entre pessoas e instituição, provocando, resolvendo ou acentuando conflitos, (re)significando e (re)interpretando possíveis relações. A instância cotidiana é sobreposta ao clima de festa e empolgação que em níveis diversos envolve a Colônia. Entre críticas, comentários, palpites e reclamações sobre a possibilidade de um telão ou televisões melhores para assistirem aos jogos, a Copa torna-se um mote comum nas conversas e mesmo nos figurinos.

Figura 2- Vista da cela das concessionadas para a quadra onde se realizam as atividades de lazer da instituição.



Fonte: Thiago Oliveira.

Na Colônia, os preparativos para a Copa mesclaram-se aos festejos juninos. Bandeirolas e fitas foram espalhadas pelas áreas comuns; nas próprias celas, presas empenharam-se na produção de enfeites e decoração através da colaboração de familiares e amigos que as visitavam. Camisas verde-amarelo começam a espalhar-se constituindo um “padrão”, como se diz no vocabulário esportivo, para aquela torcida que durante os jogos estando ali presas à televisão distribuem-se entre a saudade dos familiares, amigos e da rua, a atenção emprestada aos movimentos televisionados e a si mesmas. Maquiagens, penteados, decoração. Bola, campo, emoções.

Nos termos desse ensaio é preciso considerar que a produção do filme documentário “correu junto”¹³, pois está associada a um tipo de investimento intelectual próprio da antropologia que é o desenvolvimento de um olhar sensível aos contextos e interlocutores através da etnografia. Nesse sentido, cabe falar em um encontro de perspectivas, uma troca de sentimentos ou mais propriamente um processo de sensibilização emocional que, junto com a utilização das câmeras e gravadores, constituíram parte do instrumental pelo qual texto e audiovisual foram produzidos juntos.

Durante as filmagens dos jogos do Brasil na Colônia, aos fins de junho, visualizamos os olhos simultaneamente brilhantes e tristes de uma interlocutora que estava na cela de gestantes e era companheira de uma de nossas personagens durante a produção do documentário. Era véspera de São João, o centro das festividades juninas. Próximo ao fim do jogo, enquanto comíamos pipoca e comentávamos sobre as prováveis melhoras dos jogadores após um empate constrangedor com a seleção mexicana, esta presa nos diz: “Eu só queria sentir o que vocês vão sentir quando saírem daqui e passar pelas grades, pela permanência, pelo portão... o vento batendo, o cheiro pertinho de fogo das fogueiras”. No céu da área aberta na qual as mulheres geralmente estendem suas roupas e dos seus bebês, apareciam os primeiros sinais das centelhas de fogo das fogueiras que estavam por ser acesas. O céu do dia começava a adormecer trocando seus tons de azuis. Seus olhos brilhavam nesse misto confuso de lágrima, desejo e memória. Como pensar futebol no Brasil sem pensar também no intenso fluxo de sentimentos trocados que envolve uma partida? Como desconsiderar o *potlatch* de paixões que uma Copa do Mundo conforma para apaixonados pelo futebol?

Considerações Finais

Não estranha assim pensar que ao entrarmos na Colônia e propormos a realização de um documentário sobre futebol, os candidatos imediatos para participar de tal projeto fossem os menininhos; de modo semelhante, uma das primeiras reivindicações por parte destes no seu contato conosco foi a possibilidade de organização da estrutura do espaço para realização de partidas de futebol. Com

¹³ Destaque nosso a um termo nativo.

frequência nos pediam para intermediar a negociação com a administração penal no sentido de que a quadra da Colônia fosse liberada para a realização de partidas aos sábados, ou mesmo, que ajudássemos a realizar um campeonato de futebol formado por times de menininhos de todas as celas e que posteriormente poderiam competir com pessoas encarceradas em outras instituições. Os projetos e desejos nesse sentido eram tantos quanto as possibilidades de afirmação e desmonte do gênero.

Infelizmente nossa participação na dinâmica das relações ali estabelecidas era pouco significativa frente ao poder de vigiar, controlar e punir do cárcere. Por algum tempo conseguimos que houvesse autorização para que partidas fossem realizadas na quadra, primeiro após o fim dos jogos para que pudéssemos filmar esse momento na recreação das interlocutoras. Isso se instituiu como uma prática mesmo em dias em que não havia jogos ou filmagens, mas logo se dissolveu. O projeto do campeonato também não vingou e ficou esquecido. Solturas, conflitos interpessoais, períodos de castigo podem ser mencionados como alguns dos fatores que levaram os projetos a serem deixados de lado.

O futebol ocupa uma posição central entre as possibilidades de lazer oferecidas pela Colônia, em especial para os menininhos. Durante os momentos de banho de sol e boia, onde as celas e pavilhões tem acesso à área de convívio comum não raro se pode ver mais ao fundo, próximo ao portão e às torres de vigilância, menininhos jogando futebol em uma pequena área improvisada de terra batida. Completam a cena a padaria e o salão de beleza atuando como limites e traves imaginárias, além de pequenos grupos de torcedoras, quase sempre companheiras do momento, ou amigas e amigos esperando sua vez de entrar na partida. Pelo resto do espaço veem-se grupos de mulheres fumando, conversando e se atualizando nas fofocas. Algumas costuram, buscam atendimento dos setores jurídico ou médico e outras simplesmente tricotam, bordam ou ficam escutando rádio. Pelas grades, aquelas que ainda estão nas celas observam por entre as brechas.

Atração e espaço de interação: eis a função do futebol. Aquém de seu lugar na dinâmica do lazer, sua possibilidade é, para todos os efeitos, também uma disputa na distribuição do espaço representativo do modo como a performance é interpretada na distribuição das tarefas e trabalhos na Colônia.

Referências

ARCHETTI, Eduardo. **Masculinidades**: fútbol, tango y polo em la Argentina. Buenos Aires: editorial Antropofagia, 2003.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CONNEL, Raewyn. **Masculinities**. 2º ed. Berkeley: California University Press, 2002.

CSORDAS, Thomas. **Embodiment and Experience**: the existential ground of culture and self. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

_____. Embodiment as a paradigm for Anthropology. **Ethos**, n. 18. 1998, p. 4-57.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: **Universo do Futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei Sander; OLIVEN, George Rubem. O Brasil no horizonte dos megaeventos esportivos de 2014 e 2014: sua cara, seus sócios, seus negócios. **Horizontes Antropológicos**, ano. 19, vol.40. Porto Alegre, 2013, p.19-63.

FAVRET-SAADA. Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, n. 13. São Paulo: 2005, p.155-161.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. São Paulo: Vozes, 1996.

GUEDES, Simoni Lahud. “Esporte, Lazer e Sociabilidade”. In: DUARTE, Luís Fernando Dias. **Horizontes das ciências sociais no Brasil – Antropologia**. São Paulo: ANPOCS, 2010.

LE BRETON, David. **Sociologia do Corpo**. São Paulo: Vozes, 2006.

OLIVEIRA, Thiago de Lima. **Engenharia Erótica, arquitetura dos prazeres**: cartografias da pegação em João Pessoa. (Dissertação – Mestrado em Antropologia) João Pessoa: PPGA-UFPB, 2016.

PRECIADO, Beatriz (Paul). **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: N-1 Edições, 2014.

RIBEIRO DE OLIVEIRA, Luciana Maria. **Crime é Coisa de Mulher:** identidades de gênero e identificações com a prática de crimes em posição de liderança entre mulheres jovens. Alemanha: Novas Edições Acadêmicas, 2014.

_____. Gosto mais do que lasanha. **Visagem** – antropologia visual e da imagem v. 2, n. 2. Belém: UFPA, 2016. (41 minutos)

STAHLBERG, Lara Tejada. Jogando em vários campos: torcedoras, futebol e gênero. In: TOLEDO, Luiz Henrique de; COSTA, Carlos Eduardo. **Visões de jogo:** antropologia das práticas esportivas. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.

WAGNER, Roy. **A Invenção da Cultura.** São Paulo: Cosac Naif, 2010.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma:** notas etnográficas de um aprendiz de boxe. São Paulo: Relume-Dumará, 2002.